

A REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM VERÃO DOS INFIÉIS DE DINAH SILVEIRA DE QUEIRÓS

Naira Suzane Soares Almeida – (UFPI)¹

Margareth Torres de Alencar Costa – (UESPI-UFPI)²

Resumo: Este artigo busca discutir de que forma se dá a transformação da condição feminina na estrutura familiar em “Verão dos infiéis”, de Dinah Silveira de Queirós, sob o olhar das personagens Valentina, Carminho e Elvira. Apoia-se no aporte teórico proposto por Beauvoir (2016), Candido (2014), Lauretis (1994) entre outros. Conclui-se que as peculiaridades pertinentes às três personagens contribuem para a compreensão da condição social feminina sob a ideologia patriarcal ainda muito presente nesta obra, no entanto as personagens, diante dos problemas particulares, passam a gerir suas vidas e mostram traços do sistema matriarcal.

Palavras-chave: Literatura e gênero; Sistema patriarcal; Elemento social.

O presente estudo parte do seguinte questionamento: de que forma se dá a transformação de representação da condição feminina na estrutura familiar na obra *Verão dos infiéis* (1968) de Dinah Silveira de Queirós, sob o olhar das personagens Valentina, Carminho e Elvira? Para delinear esta inquirição verificou-se as implicações de gênero feminino em *Verão dos infiéis*, contextualizando o papel da mulher na sociedade da época. Posto isso descrevem-se as relações e os conflitos interpessoais a partir da condição social a que estão condicionadas às personagens na obra e analisa-se a transformação na condição da representação feminina através das personagens Valentina, Carminho e Elvira na narrativa acima mencionada. Nessa perspectiva, empreende-se a hipótese de que as personagens femininas na obra são definidas a partir da função social sancionada para as mulheres de acordo com a ideologia patriarcal dominante, asseverando que “o elemento social se torna um dos muitos que interfere na economia do livro”. (CANDIDO, 2014, p. 17).

As mulheres, desde antes do século XIX, começaram a despertar uma visão crítica sobre o seu papel na sociedade. A mulher escritora representa uma “quebra” nos

¹ Bolsista capes PPGEL-UFPI – NUEHIS/CNPq. Contato: nairasuzanel@hotmail.com

² Doutora em Letras (UFPE). Professora dos PPGEL (UFPI) e (UESPI) NUEHIS-CNPq. Contato: margazinha2004@yahoo.com.br

paradigmas pré-estabelecidos pela construção social (estado, igreja, escola e etc.). O texto *A crítica feminista no território selvagem* (1994) de Elaine Showalter, explica que a tradição literária americana era tida como exclusivamente masculina (sendo assim território selvagem), encorajando as escritoras de ideologia feminista a tomarem parte dessa teoria. Dentre outras autoras, Dinah Silveira de Queirós representa a abertura do espaço feminino no campo literário brasileiro através da linguagem simples. Apresenta função social em sua obra *Verão dos Infiéis*, em destaque às personagens Valentina, Carminho e Elvira que representam a condição feminina ainda resguardada no patriarcalismo.

Explicando o que é o patriarcado e enfocando na concepção feminista, a palavra patriarcado tem uma origem muito antiga, segundo o Dicionário crítico do feminismo (2009), na entrada de Patriarcado (teorias do), de Chirstine Delphy. Patriarcado é apresentado como poder dos homens e opressão feminina. Acentua-se que, antes do século XIX, os patriarcas eram vinculados aos dignitários da Igreja, aquela figura autoritária que se sobrepunha às mulheres. Por esse motivo, a ideia que todas as mulheres deviam apresentar esses estereótipos de (mulher anjo) rainha do lar, a fiel, a submissa, a paciente, a que desiste de seus sonhos para agradar o marido e permanecer no casamento, ou de (mulher diabolizada) bruxa, i.e., a sensual, e por conseguinte a que seguia estes padrões era considerada uma mulher má. Estes são modelos sociais que vem de sociedades patriarcalistas.

No texto *A tecnologia do gênero: tendências e impasses*, de Teresa de Laurentis (1994), ela discute o conceito de gênero como diferença sexual nas décadas de 60 e 70, criando espaços “gendrados” (marcados pela particularidade de gênero), provocando um enquadramento e criando estereótipos. Primeiro, afirma-se que não se pode reduzir a uma mera oposição biológica entre a mulher e o homem como ambos universalizados. Segundo, que deve-se sair de um molde epistemológico radical do pensamento feminista tornando a mulher como elemento oposto ao homem, imaginando-a como produto secundário de uma sociedade patriarcal. Portanto a autora defende que precisa ser desconstruída a imbricação de gênero. Concluindo este pensamento, (LAURENTIS, 1994, p. 211) “gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe”.

Entende-se que os indivíduos passam a ser vistos como sujeitos que movem o mundo, sujeitos da ação, dando assim ênfases à interpretação. Pode-se afirmar que o sujeito de papel ganha representação à medida que faz algum sentido no presente inserido. Por conseguinte, são tais representações das personagens que explicam, de certa forma, a realidade compartilhada por um determinado grupo de pessoas. Desta maneira o trabalho de análise do texto literário é considerado uma crítica literária.

Além disso, a ginocrítica proporciona a conscientização à opressão ideológica e cultural na qual as mulheres haviam sido submetidas pelo patriarcalismo. Contribui para este enlace teórico o livro *¿Puede hablar el sujeto subalterno?* (1998), de Gayatri C. Spivak, que afirma o sujeito subalterno como pertencente à mais baixa camada social e, por conseguinte, aos modos específicos de exclusão do mercado. Esse sujeito não teria representação social e/ou política, assim sendo “representado” pelas camadas dominantes.

No primeiro capítulo intitulado - “A marca”, a personagem Valentina suplica ao marido que não a expusesse no dia da lua de mel, mas a ausência da marca de sangue é como se o emasculasse. A mentalidade do falecido marido pertencia aos moldes de uma sociedade patriarcalista que via a virgindade como forma de contrato do casamento. No entanto, a personagem feminina estava à frente de seu tempo, pois não cultivava o mito da mulher virgem. Simone de Beauvoir explica que esta mentalidade vigorava porque:

Destruindo o hímen, o homem possui o corpo feminino mais intimamente do que mediante uma penetração que o deixa intato; com essa operação irreversível o homem faz dele um objeto inequivocamente passivo, afirma seu domínio sobre ele. Esse sentido exprime-se muito exatamente na lenda do cavaleiro que abre um caminho difícil entre arbustos espinhosos para colher uma rosa nunca ainda respirada. (BEAUVOIR, 2016, p. 217)

A partir da menção acima é possível compreender que o valor da virgindade, nas sociedades primitivas, não é tão fundamental. Já em outras é primordial, para se ter a consumação daquilo que o homem adquire, como é o caso do pensamento machista do marido da personagem. Em contra ponto encontra-se um outro tipo de pensamento na visão de Almir, este que é o namorado de Carminho na narrativa. Para o segundo o sangue tinha uma concepção mitológica, pois entendia que a substância de cor vermelha era amaldiçoada. Neste contexto percebe-se a predominância da ideologia patriarcal sobre o fenômeno determinante feminino.

No livro *A dominação masculina*, Pierre Bourdieu (2010, p. 18) menciona que “A visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”. A partir desta argumentação compreende-se o poder simbólico em que o homem ainda é um ser que é convencionalmente legitimado como figura central, uma vez que as relações sociais e as divisões de trabalho, baseado na anatomia entre o corpo masculino e o corpo feminino, atribui ao sexo masculino tal superioridade. Em *Verão dos infieis* visualiza-se este fato na fala da personagem Aloísio, filho mais novo de Valentina: “mamãe acha que Domingos é do jeito dela, quer dizer, nos moldes “sensatos”, antigos (...) ‘Para mim – ele vê dentro da gente. Laura, a santidade existe, não é uma história inventada’”. (QUEIRÓS, 2011, p. 91-92). Assim encontra-se neste fragmento uma relação necessária de filho para pai ainda que este seja tio, portanto a representação da figura patriarcal nele como uma “tábua de salvação” para os conflitos interpessoais nesta família.

Por meio da personagem Valentina, a autora apresenta uma outra condição feminina em que, após a morte do marido, a mesma passa a trabalhar fora de casa, visto que a pensão que ele deixou não foi suficiente para o sustento do lar. Desta forma ela necessita tomar à frente dos problemas familiares, que antes eram geridos pela figura paterna. Gilberto Freyre (2013) explica como começou a existir o sistema matriarcalista no Brasil na época do Brasil colônia, no entanto foi usada apenas para refutação nesta argumentação:

[...] matriarcas houve, no Brasil patriarcal, apenas como equivalentes de patriarcas, isto é, considerando-se matriarcas aquelas mulheres que, por ausência ou fraqueza do pai ou do marido, e dando expansão a predisposições, ou características masculinóides de personalidade, foram às vezes os “homens de suas casas” (FREYRE, 2013, p. 86-87)

Valentina não possuía essas características ditas ‘masculinas’, como afirma Freire (2013), porque essa forma de administração é um construto social, com base em instituições como estado, igreja, escola e família. Por isso, a ginocrítica busca a redefinição das diferenças originadas nas ideologias culturais e nas experiências biográficas. Seguindo a discussão, uma outra personagem retratada na obra é Elvira. Esta morava sozinha e não era casada. Condição possivelmente desejada, porém não realizada: “eu minha filha? Quem dera! Hoje ninguém mais quer saber de mim. Olhe – confidencialmente, para seu governo – nem mosca assenta mais aqui por estas bandas...” (QUEIRÓS, 2011, p. 124). Percebe-se que a necessidade de um homem (um

companheiro, um amigo) se faz presente, mesmo que inconsciente, na abordagem da personagem, possivelmente também por outro problema social da cidade moderna: a solidão, a busca do sujeito por independência financeira e pessoal. Assim entende-se que as peculiaridades pertinentes às três personagens contribuem para a compreensão da condição social feminina sob a ideologia patriarcal ainda muito presente. A crítica feminista é considerada: “um ato de resistência, uma confrontação com os cânones e julgamentos existentes [...]” (SHOWALTER, 1994, p. 25).

Fazendo um breve contexto da obra, a somar com o que foi falado anteriormente na introdução e no marco teórico, a caracterização do ambiente se passa em três dias de um verão chuvoso. O espaço é a cidade do Rio de Janeiro. A época em que constitui o pano de fundo do enredo é a década de 60. Ao início do primeiro capítulo *A marca* observa-se que a narração é realizada em terceira pessoa do singular e em tempo cronológico. Há destaque na pesquisa para Valentina, a protagonista. Assim a personagem do romance, segundo Antonio Candido (2014), ganha vida através do enredo. Destaca-se que o essencial do romance é a personagem, esse ser fictício que tem carácter verossímil com o ser vivo.

No romance em foco, Valentina não gosta de mulheres “filhentas”, pois elas se assemelham a “cachorrinhas” (QUEIRÓS, 2011, p. 19). Percebe-se neste traço, a lógica ideológica da personagem. Segundo Beauvoir (2016), a maternidade não pode ser condicionada apenas pelo biológico ou por conta do destino para perpetuação da espécie. Acima disso, ser mãe é algo que deve ser controlado pela vontade humana. Assim se entende que os animais irracionais não possuem controle sobre o próprio corpo, mas a mulher possui o direito de ter domínio sobre o seu. Desta maneira há uma revelação que ela faz sobre uma possível gravidez. “Estou grávida de morte. Eu sou como a nau dos mortos.” (QUEIRÓS, 2011, p. 20) A protagonista trazia sempre consigo os seus entes queridos que já haviam falecido. A causa disso era por conta do uso abusivo de benzedrina que a fazia ter alucinações. Porém, para ela, essas lembranças de familiares mortos produzia paz e leveza de seus problemas familiares.

Em seguida na narrativa, Valentina passa um telegrama para Domingos com um pedido de ajuda, posto que sabia, não ao certo, que não estava bem de saúde. Ele viria para cuidar de seus filhos como uma figura de pai ideal, como se notou nas características descritas no prólogo. A mesma contava apenas com a ajuda da amiga Malva.

Prosseguindo para o ponto em destaque, Spivak (1998) descreve o exemplo da condição da mulher viúva, de acordo com sua situação de viuvez, tendo em vista que a mulher enfrenta duas barreiras que a impedem de se autorrepresentar. Inicialmente por ser mulher e em seguida por ser viúva, este caráter de marginalidade é fortemente exigido ao gênero feminino. Em consonância com esse fato, a mulher como subalterna é silenciada, não podendo se expressar. E quando se comunica, não encontra os meios para ser ouvida. Identifica-se assim a condição de marginalidade na protagonista. Percebe-se como Valentina sentia falta de diálogo, mas não conseguia se comunicar com os filhos, apenas com seus mortos. “Fizera-se desconectada, distante.” (QUEIRÓS, 2011, p. 23)

Pode-se perceber a visão dos filhos sobre a representação da matriarca em suas vidas. A perspectiva de Carminho –a moça que era “fechada sempre em seu quarto” era que sua mãe era “inoportuna”, pois estava sempre à espreita em busca de seus segredos, já para Geraldo “não estende sua inteira confiança”. Em outras palavras, não é digna de sua completa confiança. Ele preferia “ocultar-lhe” sobre a sua vida. Por fim, Aloísio seguia as mesmas práticas dos irmãos e ocultava de Valentina, suas experiências, bem como “o seu sabido namoro com a ‘protestante’”. Chegava a brigar com a mãe pelo fato que ela “perdia a missa de domingo”, justamente ele, que deveria ser o mais compreensível por ser “o mais religioso”. (QUEIRÓS, 2011, p. 23).

Essa mãe sofrida pensava que já não tinha mais amor para dar aos filhos. No entanto, isso não era bem uma verdade, visto que ela ainda se afligia por conta deles e havia chamado Domingos. Assim o sentimento de maternidade prevalece como uma obrigação pesada. Ver-se-á como Valentina criava a filha, Carminho, e se ainda estavam presentes esse moldes patriarcalistas. E posteriormente, como era a condição feminina representada por Elvira, sua irmã, mulher que na década de 60 no Brasil estava começando a despertar para a luta de igualdade de gênero. De acordo com a autora Ana Alice Alcântara Costa (2005) houve atuação do movimento feminino a partir da década de 60, assim gerando mudanças no papel da mulher nesta sociedade mencionada.

A personagem redonda Carminho estava infeliz com o namorado Almir –o fotógrafo, bêbedo-, mas não havia se empoderado para sair daquele relacionamento. Pode-se observar na descrição do narrador “parcial”: “Foi reparando no triste aspecto das avenidas com poças lamacentas e areia molhada nas calçadas. Uma desolação, como a

que estava nela. Ficou silenciosa até o Leblon.” (QUEIRÓS, 2011, p. 28) Ela se sentia internamente “uma desolação”. Este homem não a valorizava. Assim, Carminho passa a se questionar sobre esse sujeito que dizia ser seu namorado.

Evidentemente, Almir não era um efeminado. Longe disso. Por que não a beijava? Por que, ao menos, não lhe segurava a mão, por que não diria o motivo pelo qual se comportava com ela como um amigo? Pensava nessas coisas, olhando o mar e, repentinamente, Almir lhe disse:

_ ‘Gostaria de pegar você assim, de perfil, serena... e ao longe eu poria um cavalinho escapando. Ali naquelas palmeiras...’

_ ‘Por que o cavalinho?’

_ ‘Porque você se parece com um potro com essa crina dura.’
(QUEIRÓS, 2011, p. 34)

Carminho havia sido educada pela mãe para ter medo dos homens, certamente o mesmo modelo patriarcalista que a mãe tinha sido criada. Conforme a visão de Heleieth I. B. Saffioti (2004), as questões da hierarquia entre homens e mulheres são baseadas em vários pontos como: posição social, cor da pele e textura dos cabelos. Esses fatores são um indicativo das relações de superioridade e inferioridade na ordem patriarcal de gênero. Entende-se que há uma dupla inferioridade presente no discurso machista de Almir pelo fato do cabelo de Carminho ser crespo e por ela ser mulher. A moça tinha medo dos próprios irmãos “como se um homem pelo fato de ser homem já seja um doente.” (QUEIRÓS, 2011, p. 35) O único homem que ela não tinha medo era Domingos, um santo homem na visão dela.

Voltando à personagem redonda Valentina, a mesma tinha perdido a comunicação não apenas com os filhos, mas também com sua irmã. Em um de suas conversas com o fantasma de sua mãe, ela explicava a falta de contato fraterno com Elvira. Confere-se no excerto: “‘Mamãe’, disse Valentina – e o travesseiro tinha uma longínqua redondez e a doçura do colo da mãe – ‘estou doente; meus filhos têm lá suas vidas e minha irmã não quer mais saber de mim. Há dez anos estamos separadas.’” (QUEIRÓS, 2011, p. 60)

Já a personagem Carminho tinha conflitos com a sexualidade. Ela queria conhecer “os homens”. Se deixou levar pela conversa de Sérgio Silva –o amigo do irmão Geraldo– até o apartamento dele. Antes a moça havia encontrado o namorado Almir completamente bêbedo e apagado em um sala vip de um bar. Esperou por quase uma hora na entrada

deste bar. Assim, Carminho não se atreveu a mudar a situação. Apenas deixou Almir no bar e acompanhou Sérgio. A mulher não deve aceitar passivamente que os homens ditem qual é o seu lugar. Corroborando com essa explicação, Beauvoir (2016), afirma que a própria mulher tem condições de mostrar o seu valor diante dos homens e dos valores sociais que operam em uma sociedade. Entende-se que se a mulher acha que não é importante no processo social, ela deve encontrar essa importância e se fazer ouvir, fazendo com que seus direitos tenham voz e vez.

Continuando, Carminho começou a contar as íntimas dúvidas para o “cínico” Sérgio que se aproveitava daquela desilusão amorosa para mostrar o que era um “homem”. Bem, acaso ela tenha ido nessa conversa, porque faltava diálogo com sua mãe, e provavelmente por não ter conhecimento sobre o sexo masculino e feminino, a mesma se achava intelectualmente inferior aos irmãos. Comprova-se neste traço abaixo:

— ‘Eu sei que não sou inteligente. Meus irmãos se formaram – eu não me formei, não consegui. Queria dizer. Está dito: sou ‘burra’. Mas você pode estar certo de que o que as outras colegas fazem – namorar, beijar, tomar até liberdades – que sei lá – isto não é para mim. (...) Muitas vezes ficava querendo saber qual seria a suposta sujeira de um irmão, pois que mamãe tanto lavava a banheira depois que Aloísio ou Geraldo saíam. E lia anúncios ou achava que sabia o que vinha a ser ... a doença dos homens. Por isso, na minha idade, nunca namorei, mas não namorei mesmo... ninguém.’ (QUEIRÓS, 2011, p. 80)

Carminho se inferiorizava ao se chamar de “burra” por não conseguir se formar como os irmãos. Ademais pensava que sabia do que se tratava “a suposta sujeira” dos homens. Desta maneira mostrava total desconhecimento sobre os homens. Segundo Beauvoir (2016, p. 53) “a mulher, que é a mais individualizada das fêmeas, aparece também como a mais frágil, a que vive mais dramaticamente seu destino e que se distingue mais profundamente do macho.”. Ela possui uma história de evolução biológica muito mais complexa e sua evolução funcional é que diferencia do homem. No entanto, aqui percebe-se que a complexidade do corpo feminino é usada contra Carminho por Sérgio, e também por Almir, que já citado anteriormente neste texto, que possuía horror ao sangue da virgem por ignorância sobre o funcionamento da anatomia feminina. Beauvoir (2016, p. 252) explica que: “a expressão ‘ter uma mulher’ comporta um duplo sentido: as funções de objeto e juiz não se acham dissociadas. A partir do momento em

que a mulher é encarada como pessoa, só pode ser conquistada com seu consentimento: cumpre vencê-la.”

Enquanto isso, Valentina esperava acordada e aflita, em casa, a filha. Depois de muito esperar vê-se o que aconteceu no fragmento a seguir: “Dois segundos e a porta revelou Carminho, a boca torcida, tremendo como se estivesse com febre. _ ‘Minha filha! ... o que aconteceu?’ Carminho abraçou-se à mãe. Abraçou-se como há anos não o fazia: _ ‘Que bom você estar acordada!’” (QUEIRÓS, 2011, p. 100) Assim Carminho teve a oportunidade de ter uma conversa franca com sua mãe, depois de anos, sobre como era seu relacionamento com Almir. Mãe e filha enfim solidárias no sofrimento. Confirma o traço que destaca essa reaproximação: _ “‘Ele nunca... me beijou... nem me beijou!’ Ali estava a sua filhinha. (...) Agora mesmo, no abraço, contivera o choro. (...) _ ‘Não quero mais saber daquele bêbado – nunca mais!’ (QUEIRÓS, 2011, p. 101)

Logo depois da perda da virgindade, Carminho começava a dar indício de empoderamento, pois já conhecia o seu corpo e havia conhecido o que era o sexo. Ela não iria mais se humilhar pela atenção de um “bêbado”. “Nunca mais” estaria para Almir. Para ela, a revelação do amor: “Uma tristeza. E depois... Meu Deus, tanta insegurança!” (QUEIRÓS, 2011, p. 103). Pode-se assim ter coragem e perguntar a mãe “como são os homens?”, comprova-se a seguir a resposta de Valentina para Carminho:

_ ‘(...) seu pai era delicado demais... para viver num mundo de grosseria. Era um príncipe de outros tempos escondido, parece, no meio da gente. Ele me fechou sempre os olhos sobre as nossas dívidas... até que pôde... Mas não quis ser humilhado... passar vergonha. O que... é apenas uma suposição... Pois, afinal, nem perdemos a casa e não houve nenhuma catástrofe... a não ser a morte... Mas eu tive de trabalhar... Meti-me num balcão vendendo passagens, depois associei-me à sua tia na loja de vestidos. Naquela época, com vocês para educar, apenas a pensão de seu pai não bastaria.’ (QUEIRÓS, 2011, p. 104-105)

Pormenorizando a personagem, Valentina se tornou viúva com três filhos pequenos e assume que a única catástrofe foi a morte do marido. O marido era “delicado demais”. Ela seguiu com a vida, arranjou trabalho vendendo passagens e depois ajudando a irmã a vender roupas, tudo para educar os filhos, pois apenas a pensão que a mesma ficou

recebendo não supria as necessidades de sua família. O estereótipo de mulher frágil não condiz com a personagem, posto que conseguiu mesmo através das dificuldades educar os filhos. “Desde que tivera Carminho – há mais de vinte anos, portanto – Valentina não fazia um exame ginecológico. Adiarda aquela consulta até que lhe vieram as pequenas hemorragias que se iam amiudando.” (QUEIRÓS, 2011, p. 114)

A protagonista que vivia em função dos filhos, há vinte anos não ia ao ginecologista, sabia que não estava bem de saúde pois via as “pequenas hemorragias”. Foi ao médico com sua amiga Malva. O médico fez o exame e passou outros mais, mas secretamente falou com Malva que se tratava de um tumor maligno em estágio avançado, não mais com chance de operar. “‘Deve ser internada. (...) E precisa de alguém...’ _ ‘Com carinho?’ _ ‘Com carinho.’” (QUEIRÓS, 2011, p. 116)

Desta forma, a doença de Valentina é o motivo para uma possível reconciliação entre Elvira. Observe a descrição da mesma, personagem secundária, mas não menos relevante para a pesquisa. “(...) Elvira – a ‘ingratona’ – que morava no térreo, com um pequeno jardim de gordas samambaias e outras folhagens lustrosas, alegrando a calçada.” (QUEIRÓS, 2011, p. 119) Constata-se na passagem quando ela se convence de visitar a irmã e no traje que ela veste: “Ela apareceu, por fim, garbosamente vestida num costume azul, os cabelos artisticamente penteados para cima, duros e esculpidos em cachos presos, sapatos novos, bolsa e luvas de uma elegância quase agressiva.” (QUEIRÓS, 2011, p. 123)

A explicação para a visita, “a desculpa” que Elvira encontrou para chegar à casa da irmã de surpresa foi inventar que iria se casar e que a família precisava saber. Logo pode-se ver o quanto as irmãs se amavam, através de sua reconciliação. Quando se lê: “Malva logo reconheceu que era demais na grande festa das irmãs reconciliadas”. (QUEIRÓS, 2011, p. 160)

As irmãs, mulheres fortes que tinham trilhado sua independência financeira, não eram ricas, no entanto tinham o apoio uma da outra. Haviam esquecido o quanto o amor fraternal fazia falta, um amor genuíno e sem interesse. Não precisavam de homens para controlar a suas vidas. Apenas a companhia da irmã bastava. Nesta mesma noite o prédio que elas estavam desabou, porém não morrem da queda, mas pelo forte cheiro de gás.

A personagem Carminho teve um pressentimento que algo de ruim havia acontecido com sua mãe e não contou conversa com Sérgio. Estava completamente empoderada. Logo se percebe no contexto a seguir:

_ ‘Eu não vou para casa. Mamãe precisa de mim.’

Dito isso, despreendeu-se dele com gravidade e firmeza:

_ ‘Volto sozinha. Não é tão longe.’

Ele a possuía – havia passado apenas um dia – e aquela menina – por que má sorte escolhera tal ocasião? – parecia-lhe agora uma inabordável mulher. (QUEIRÓS, 2011, p. 183)

Desta maneira, pode-se observar agora uma “inabordável mulher”. Beauvoir conclui que (2016, p. 64) “se o respeito ou o medo que inspiram a mulher impedem o emprego de violência contra ela, a superioridade muscular do homem não é fonte de poder.”. Assim entende-se que o discurso é fonte de poder. Segundo Butler (2017), o diálogo é historicamente delimitado, pautado em uma cultura de dissensões que resulta, de certo modo, na opressão de uma categoria, em que se faz necessário “questionar as relações de poder que condicionam e limitam as possibilidades dialógicas” (BUTLER, 2017, p. 40). Assim Carminho utilizou-se da mesma superioridade que Sergio achava ter sobre ela.

Ao final, as personagens possuem um ajustamento, uma correção e um harmonização. A tragédia uniu as irmãs, mulheres que já eram empoderada mas, por intrigas pequenas do passado, deixaram de conviver por longo tempo. Logo o narrador e Domingos conversam e revelam o propósito de cada personagem neste desfecho. A personagem Valentina por ser mulher e viúva, passa por silenciamento na sua própria casa como foi visto. Mas logo após a sua morte, as diferenças entre os irmãos se dissipa como fumaça.

Conclui-se que as personagens femininas Valentina, Carminho e Elvira vivem ainda nos limiares do sistema patriarcalista, porém apresentam marcas de transformação a partir da emancipação de Valentina e Elvira com a conquista do direito ao trabalho. E Carminho que ao início da obra era apenas uma ‘menina’ inocente, com a descoberta do corpo e do que seria um ‘homem, se transforma em uma “mulher” empoderada.

Referências

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. vol. 1.

BOURDIEU, P., 1930-2002. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrnad Brasil, 2010. p. 12-67.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. (Col. Sujeito e História)

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Estudos de teoria e história literária. 13 ed. Ouro sobre azul. Rio de Janeiro, 2014.

COSTA, A. A. A. **O movimento feminista no Brasil: Dinâmicas de uma intervenção política**. Revista Gênero, v. 5, n.2, p. 1-20, RJ/Niterói, 2005. Disponível em: <www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/380/285>. Acesso em: 04 de maio 2017.

FREYRE, G. **Casa-grande & Senzala**. 52. ed. São Paulo, SP Global, 2013.

HIRATA, H. et al. (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. Tradução de: Dictionnaire critique du féminisme. 2e. éd. augm. São Paulo: UNESP, 2009.

LAURETIS, T de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. **Tendências e impasses**. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

QUEIRÓS, D. S. de, 1910-1982. **Verão dos infieis**. Rio de Janeiro: Móbile, 2011.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre: v. 2, n. 20, 1995. p.71-99, Jul/Dez.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23- 57.

SPIVAK, G. C. **¿Puede hablar el sujeto subalterno?** Orbis Tertius 3, 1998 - n. 6, 175-235. En Memoria Académica. Disponible en: <http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.2732/p_r.2732.pdf> Acesso em: 23/05/2018.